

**Entre a História e a Literatura: apontamentos das representações do Oriente em
Rayuela de Julio Cortázar.**

JOANA POTIRA HEINEN*

Resumo

Júlio Cortázar, um dos maiores expoentes da literatura argentina, representante do realismo fantástico, viveu em Paris na segunda metade do século XX. Em 1963, em meio à efervescência da vida cultural parisiense, escreveu *Rayuela* que é considerada pelos críticos como a sua obra mais representativa. O presente trabalho aponta possibilidades de uso da fonte literária para o estudo das representações orientalistas. Para tanto, esta foi contextualizada em relação à multiplicidade da narrativa cortazariana e enquanto herdeira do que poderíamos chamar de uma tradição de estudos orientalistas no Ocidente.

Palavras-chave: Literatura, História, Orientalismo, representações.

Filho de argentinos, Julio Cortázar nasceu casualmente em Bruxelas, no ano de 1914. Viveu na Argentina, foi professor de literatura e tradutor. Em 1951, aos 36 anos, mudou-se definitivamente para Paris e iniciou a publicação de seus mais importantes contos e romances, entre eles: *Bestiário*; *As armas secretas*; *Histórias de cronópios e de famas*; *O jogo da amarelinha*; *Todos os fogos o fogo*; *A volta ao dia em oitenta mundos* e *Octaedro*. Viajou pela América Latina e Europa, conheceu a África e, em 1968 esteve na Índia.

Ao escrever *Rayuela*, publicada no Brasil com o título de *O jogo da amarelinha*, Cortázar registra os bastidores das modificações sociais, principalmente entre os jovens imigrantes e estudantes, que mais tarde protagonizariam o *Mai de 68*.¹ A literatura, nesse caso o romance, enquanto fonte para os historiadores permite ampliar as visões da

*Graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

¹ Apesar desta não ser a principal proposta do presente texto, diversos trechos referenciam a agitada vida política da capital francesa.

época, traz subsídios que nem sempre são encontrados em outras fontes. Assim como a História permite uma compreensão maior aos estudos literários, pois “Calíope pode ‘ensinar’ à Clio, e vice-versa, num tempo como o nosso, de confluyente diálogo entre as diferentes disciplinas ou campos do saber.” (PESAVENTO, 2000: 7) Isso não quer dizer que ambas produzam narrativas idênticas, história e literatura dialogam entre si, mantendo uma diferenciação já que possuem objetivos, exigências e métodos distintos.

No que se refere às representações “história e literatura são formas de “dizer” a realidade e, portanto, partilham esta propriedade mágica da representação que é a de recriar o real, através de um mundo paralelo de sinais, constituídos de palavras e imagens.” (PESAVENTO, 2000: 7) Interessa-nos esta narrativa literária enquanto fonte histórica, mesmo tratando-se de um texto de caráter ficcional de meados da década de 1960. Pois o historiador que,

na sua busca de construção de um conhecimento sobre o mundo, quer resgatar as sensibilidades de uma outra época, a maneira como os homens representavam a si próprios e à realidade, como não recorrer ao texto literário, que lhe poderá dar indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo? . (PESAVENTO, 2000: 7-8)

O jogo da amarelinha apresenta vários destes indícios para a História, desenrolados através de diferentes temporalidades e cenários urbanos. Seja na França ou na Argentina, o enredo apresenta uma estrutura narrativa não-linear e o leitor é convidado a fazer parte do jogo desde o princípio, quando da leitura do *Tabuleiro de Direção*².

Recebendo as orientações para pular a amarelinha e ler este que “é muitos livros, mas é, sobretudo dois livros” (CORTÁZAR, 2008: 5). Apresenta divisão formal

² Segundo o *Tabuleiro de Direção*, os 155 capítulos que compõem o livro podem ser lidos de duas formas, o que ele chama de dois livros. “O primeiro livro deixa-se ler na forma corrente e termina no capítulo 56 [...] O segundo livro deixa-se ler começando pelo capítulo 73 e continua, depois, de acordo com a ordem indicada no final de cada capítulo.” (CORTÁZAR, 2008: 5).

tríplice: *Do lado de lá* (as personagens reúnem-se no Clube da Serpente³ em Paris, Horácio Oliveira, o imigrante argentino a procura de Maga, a mulher amada e desaparecida); *Do lado de cá* (Horácio volta à Buenos Aires onde reencontra Traveler e Talita, espécie de “double” da amada); *De outros lados* (os *Capítulos Prescindíveis* trazem trechos sobressalentes, citações, fragmentos e recortes, principalmente da obra e crítica literária moreliana⁴ inseridos em meio a narrativa quando se segue o *Tabuleiro de Direção*).

Julio Cortázar orientalista⁵

A Europa, e em especial a França, reuniu estudiosos e apreciadores de uma estética orientalista. Durante o século XIX, afirma Dirceu Villa que “uma das marcas culturais da Europa foi esse momento em que o motivo de pura exploração comercial trouxe, inesperadamente, livros e experiências que modificaram o imaginário, e assim, a própria cultura.” (MALLARMÉ, 2006: 11).

Textos clássicos da literatura do Oriente foram traduzidos pela primeira vez no século XIX. Desta forma poemas e textos sobre budismo e hinduísmo, como os *Upanishades* o *Mahabharata*, bem como de outros estudos orientais, vieram a inspirar nomes como Arthur Schopenhauer, Oscar Wilde, Gustave Moreau, Gustav Klimt, Degas, Théophile Gautier, Camilo Peçanha, Richard Burton, Stéphane Mallarmé

fosse por idéias de misticismo, de delicadeza, de entorpecimento dos sentidos, de cultivo de algo estranho e excêntrico, da escapatória feliz da exaustão dos modelos técnicos da arte europeia, o Oriente (a China, o Japão, a Índia, os países

³ O grupo de amigos de Horácio e Maga, reunia-se no Clube da Serpente. Formado nas noites do bairro boêmio parisiense *Saint-Germain-des-Près*, com suas livrarias e cafés, reunindo artistas, filósofos, estudantes, músicos e intelectuais europeus e imigrantes. O clube discutia jazz, filosofia, história, política, antropologia, arte, cinema, literatura

⁴ Do emblemático personagem Morelli um escritor que “odeia o romance quadrado, o livro que se lê do princípio ao fim” (CORTÁZAR, 2008: 507), segundo a crítica, seria um *alter ego* de Julio Cortázar.

⁵ “Quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente – seja um antropólogo, um sociólogo, um historiador ou um filólogo – nos seus aspectos específicos ou gerais é um orientalista, e o que ele ou ela faz é Orientalismo”. (SAID, 2007: 28)

muçulmanos) se tornou uma fonte para o imaginário europeu da época, que não só distorceu o material de referência, naturalmente, como também o embaralhou num todo “oriental”. (MALLARMÉ, 2006: 12)

Os franceses e os britânicos tiveram uma longa tradição dentro do Orientalismo partilhando do pressuposto de que se trata de “um modo de abordar o Oriente na experiência ocidental européia.” (SAID, 2007: 27) Julio Cortázar, que além de escritor foi professor de Literatura, certamente conhecia essa tradição orientalista européia. Sendo assim, estava portanto inserido num contexto de abordagens literárias, históricas, pictóricas, produzidas tanto por exploradores e viajantes quanto por romancistas e pintores.

Ainda sobre o Orientalismo, vale lembrar que determinadas representações podem ser construídas de formas comuns em diferentes obras. Ao longo do tempo autores produzem e reproduzem narrativas tratando deste Oriente fabuloso que é uma invenção européia e fora “desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias.” (SAID, 2007: 27)

O Orientalismo está presente em *O jogo da amarelinha* nos diálogos entre os membros do Clube da Serpente e na obra de Morelli. Porém, em certas vezes estes se fundem, quando os textos morellianos são a fonte sob a qual o grupo está discutindo. Sobre este aspecto há a seguinte observação do pintor Etienne, “orientalista amador” (CORTÁZAR. 2008: 634), que estudara analiticamente os truques morellianos e observa que

*Morelli não parecia de modo algum querer subir à árvore **bodhi**⁶, ao Sinai ou a qualquer plataforma revelatória. Não se propunha atitudes professorais, a partir das quais pudesse guiar o leitor para novas e verdejantes pradarias.[...] Etienne via em Morelli o perfeito ocidental, o colonizador. Cumprida sua*

⁶ Referência a figueira (*ficus religiosa*) sob a qual estava Siddhartha quando tornou-se Buddha.

modesta colheita de papoulas búdicas, voltava com as sementes para o Quartier Latin. (CORTÁZAR, 2008: 494)

Morelli não buscava a iluminação e estas sementes búdicas, as quais Etienne se referia, eram levadas pelo escritor para o mencionado “Quartier Latino” em Paris, onde seriam narradas e mais tarde floresceriam nas discussões do Clube. Porém, Morelli

*dando provas de um estranho anacronismo, interessava-se por estudos ou desestudos como o budismo Zen, que era, nessa época, a urticária da **beat generation**⁷. O anacronismo não residia nisso, mas no fato de Morelli parecer muito mais radical e mais jovem nas suas experiências espirituais do que os jovens californianos, embriagados por palavras em sânscrito e cervejas em lata.(CORTÁZAR, 2008: 492)*

Sobre estas experiências espirituais anacrônicas de Morelli não há referências no texto, já as discussões sobre as leituras filosóficas budistas no Clube da Serpente são descritas em diversos capítulos. Em determinado encontro, por exemplo, Ronald está fazendo leituras de obras do budismo tibetano, e algumas de suas idéias seriam inéditas até mesmo para Wong, o imigrante chinês que faz parte do grupo. É Ronald quem convoca os membros da confraria para tomarem seus lugares e entrarem no debate:

-Faça o que lhe digo, sente-se aqui e ficará sabendo de coisas que nem o próprio Wong sabe. Livros fulgurantes, instâncias mânticas. Esta manhã, justamente, diverti-me muito lendo o Bardo⁸. Os tibetanos são umas criaturas extraordinárias.

- Quem iniciou você? – perguntou Etienne [...]

- Wong submeteu-me a vários testes – explicou Ronald. – [...] Prometi-lhe que ia ler o Bardo com toda a atenção. Em seguida, passaremos para as fases fundamentais do budismo. (CORTÁZAR, 2008: 188)

⁷ Movimento artístico-literário surgido na América que reunia adeptos e admiradores do budismo.

⁸ Obra fundamental do budismo tibetano, conhecido como O Livro Tibetano dos Mortos.

Curioso notar a forma como eles exteriorizam um imaginário sobre o Oriente que é ao mesmo tempo acessível aos interessados, porém oculto aos não-iniciados. O pintor Etienne, talvez por ser um orientalista amador, demonstra preocupação ao que diz respeito à iniciação de Ronald por Wong nos estudos budistas. No prosseguimento deste mesmo diálogo, Horácio critica as dicotomias ocidentais e é Etienne e não Wong quem afirma que

o Oriente não é tão diferente como querem fazer supor os orientalistas. Tão logo nos enfiados mais seriamente em seus textos, começamos a sentir a mesma coisa de sempre, a inexplicável tentação ao suicídio da inteligência por meio da própria inteligência. (CORTÁZAR, 2008: 191)

Enfiados seriamente nos textos estão boa parte das personagens, mas uma delas, não está. Lúcia, também chamada Maga, é vista pelos membros do clube como uma mulher ingênua, porém ouvinte atenta e interessada nas discussões filosóficas dos amigos. Falando com ela sobre a felicidade, Gregorovius diz “a felicidade não se explica, Lúcia, provavelmente por ser o momento mais completo do véu de Maia.” (CORTÁZAR, 2008: 152). Neste momento, Cortázar insere na fala de Gregorovius a representação do véu de Maia⁹, para representar as ilusões do mundo que nos cobrem a visão e não permitem que percebamos a realidade da condição humana. (CARRIÈRE, 2009: 168)

As referências às representações do Oriente, não se dão apenas no campo da filosofia ou da mitologia, mas também relativo a arquitetura. Como acompanhamento para seus estudos Morelli “gostaria de *desenhar* certas idéias, mas é incapaz de fazê-lo. Os desenhos que aparecem à margem das suas notas são péssimos. Repetição obsessiva de uma espiral trêmula, com um ritmo semelhante ao dos que adornam a *stupa* de Sanchi.¹⁰” (CORTÁZAR, 2008: 429) Estas estupas, construções características da arquitetura religiosa budista, cuja forma de meia-esfera representa Buddha (CARRIÈRE, 2009: 379), construídas pelo severo rei Ashoka, depois que este se converteu ao budismo.

⁹ Também chamado de Teia ou Rede de Maya.

¹⁰ Complexo arquitetônico budista do século II a.C, no atual estado de Madhya Pradesh, Índia.

Uma das narrativas indianas mais conhecidas no Ocidente é o *Bhagavad-Gita*, que trata do diálogo entre o príncipe Arjuna e Krishna. Esta conversa precedeu a batalha que decidiria a sorte do mundo e foi metafóricamente apropriada por Cortázar para representar um embate entre Ronald e Horácio Oliveira. Aquele veio pedir ao argentino que o acompanhasse em uma de suas atividades políticas, porém, durante toda a noite

tinham discutido, como Arjuna e o Cocheiro¹¹, a ação e a passividade, as razões de arriscar o presente pelo futuro, a parte de chantagem de toda e qualquer ação como fim social, na medida em que o risco corrido serve, pelo menos, para apaziguar a má consciência individual, as canalhices pessoais de todos os dias. Ronald acabara por ir embora cabisbaixo, sem convencer Oliveira de que era necessário apoiar ativamente os rebeldes argelinos.[...] Fazia mal em não lutar a favor da independência argelina ou contra o anti-semitismo ou o racismo. Fazia bem em negar-se ao fácil entorpecente da ação coletiva e ficar, de novo, diante do mate amargo, pensando no grande assunto, dando-lhe voltas como um novelo do qual não se vê a ponta ou que tenha quatro ou cinco pontas.

*Estava bem sim, mas além disso era preciso reconhecer que seu caráter era como um pé que esmagava toda a dialética da ação à maneira do **Bhagavadgita**.(CORTÁZAR, 2008: 477-478)*

Considerações finais

O núcleo do Clube da Serpente reuniu interessado nos temas orientais, formado por jovens imigrantes, atuado no submundo parisiense na segunda metade do século XX. Subvertendo a ordem vigente, no que poderíamos relacionar ao “espírito contestador” da época, antecipando o clima de 1968 e aproximando-se dos artistas da chamada *Geração Beat*, surgida na década anterior. Ambos os movimentos teriam em

¹¹ O Senhor Krishna, encarnação do deus Vishnu, o grande preservador dos mundos. Foi escolhido por Arjuna para ser seu cocheiro e guiá-lo na batalha descrita no *Bhagavad-Gita*.

comum a questão da cultura oriental referenciando suas produções artísticas, literárias e musicais.

Desta forma, Cortázar estaria retratando parte desta juventude ocidental que nutria curiosidade pelo Oriente no contexto histórico da criação de seu livro. Pois, assim como Horácio Oliveira, Maga, Gregorovius, Wong, Etienne e Ronald, foi em Paris que se reuniram tradutores de línguas orientais, em especial sânscrito, e onde surgiram importantes acervos sobre o Oriente em bibliotecas, arquivos e museus¹². Disponibilizando aos escritores interessados na temática orientalista inúmeras fontes para suas representações, visto que

todo escritor sobre o Oriente (e isso vale até para Homero) assume algum precedente oriental, algum conhecimento prévio do Oriente, a que se refere e se baseia. Além disso, cada obra sobre o Oriente associa-se a outras obras, a públicos, instituições, ao próprio Oriente. O conjunto das relações entre as obras, os públicos e alguns aspectos particulares do Oriente constitui, portanto, uma formação analisável – por exemplo, a dos estudos filológicos, a das antologias de trechos tirados da literatura oriental, a dos livros de viagens, a das fantasias orientais – cuja presença no tempo, no discurso, nas instituições (escolas, bibliotecas, serviços de relações exteriores) lhe dá força e autoridade. (SAID, 2007: 50-51)

Podemos ler *Rayuela* enquanto parte de um contexto mais abrangente e as apropriações da literatura cortazariana como herdeira deste conjunto orientalista francês, partindo de representações através de jogos de palavras e imagens. As personagens são influenciadas pelas leituras e discussões da obra de Morelli. Este seria uma espécie de espelho do próprio autor que, vivendo na França, esteve em contato com infinitas representações do Orientalismo. É partindo destes precedentes orientais que Cortázar faz suas representações orientalistas, já que ele esteve na Índia apenas em 1968, alguns anos após a publicação de *Rayuela*.

¹² Como o Museu Guimet com vasto acervo sobre o Oriente, fundado no século XIX.

Em meio a um de seus jogos de palavras uma imagem interrompe Horácio Oliveira “Shiva”, pensou o argentino bruscamente. “Oh, bailarino cósmico, como brilharias, bronze infinito, debaixo deste sol! Por que penso em Shiva?” (CORTÁZAR, 2008: 282) Talvez fosse porque as culturas budista e indiana, com seus deuses, gurus e mandalas, faziam parte do repertório de todos eles que conforme Horácio gostam muito que alguém “tire as palavras do armário e as faça passear pelo quarto”(CORTÁZAR, 2008: 192) E é desta forma que Cortázar retira o seu Orientalismo do armário e o deixa livre para passear pelos nossos quartos.

Bibliografia

CARRIÈRE, Jean-Claude. *Índia: um olhar amoroso*. 2ª Ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

PESAVENTO, Sandra (org). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VILLA, Dirceu. Introdução. In: MALLARMÉ, Stéphane. *Contos Indianos*. São Paulo: Hedra, 2006.